

ZOE SUGG

Garota Online

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

Um ano atrás...

22 de novembro

Oi, Mundo!

Decidi começar um blog.

Este blog.

Por quê?, você pode me perguntar.

Sabe quando você sacode uma lata de Coca, depois abre e a Coca espirra para tudo que é lado? Então, é assim que eu me sinto agora. Tem muitas coisas fervilhando dentro de mim, mas fico insegura de falar delas em voz alta.

Uma vez meu pai me disse que eu devia começar a escrever um diário. Ele disse que ter um diário é um ótimo jeito de expressar nossos pensamentos mais íntimos. Também disse que seria legal eu ler o diário quando fosse mais velha, e que isso me faria "apreciar de verdade os anos da minha adolescência". Hum... Faz tanto tempo que ele foi adolescente que deve ter esquecido como é de verdade.

Mas eu tentei escrever um diário. Consegui escrever por três dias antes de desistir. A maioria dos registros era mais ou menos assim:

Hoje choveu; meu sapato novo ficou detonado. A Jenny pensou em matar a aula de matemática. Mas não matou. O John Barry teve um sangramento nasal na aula de ciências porque enfiou o lápis no nariz. Eu ri muito. Ele não gostou. Ficou uma situação esquisita. Boa noite.

Não é exatamente Bridget Jones, né? É mais tipo “não dou a mínima”.

A ideia de escrever coisas para mim mesma em um diário parece meio inútil. Quero acreditar que alguém em algum lugar vai poder ler o que eu tenho para dizer.

Por isso decidi começar este blog, para ter um lugar onde eu possa dizer exatamente o que quero, quando quero e como quero, *para alguém*. E sem me preocupar se as coisas que vou dizer não são descoladas, ou me fazem parecer uma idiota, ou talvez me façam perder amigos.

Por isso este blog é anônimo.

Para que eu possa ser totalmente eu.

Meu melhor amigo, Wiki (*o nome dele não é esse; se eu usar seu nome verdadeiro, este blog vai deixar de ser anônimo*), diria que o fato de eu ter que ser anônima para ser eu mesma é uma “tragédia épica”. Mas o que ele sabe? Ele não é uma adolescente com problemas de ansiedade. (*Ele é um adolescente com problemas com os pais, mas essa é outra história.*)

Às vezes me pergunto se tenho problemas de ansiedade por ser uma adolescente. Vamos encarar: tem muita coisa que provoca ansiedade.

As dez principais causas para meninas adolescentes ficarem ansiosas

1. Sua aparência tem que ser perfeita o tempo todo.
2. Isso coincide com seus hormônios, que decidiram enlouquecer.
3. O que leva à maior quantidade de espinhas de toda a sua vida (*e torna o número 1 totalmente impossível!*).
4. O que também coincide com a primeira vez que você tem liberdade para comprar chocolate quando quiser (*e piora ainda mais o número 3!*).
5. De repente todo mundo se importa com o que você veste.
6. E o que você veste também tem que ser perfeito.
7. Aí você precisa saber posar como uma supermodelo.

8. Para poder tirar uma selfie do seu look do dia.
9. Que você precisa postar em uma rede social para todos os seus amigos verem.
10. Você tem que ser absurdamente atraente para o sexo oposto (*enquanto cuida de tudo isso aí em cima!*).

Por favor, imagine aqui meu profundo e dramático suspiro.

Mas eu não posso ser a única adolescente que se sente assim, certo?

Eu tenho um sonho em que, secretamente, todas as meninas adolescentes se sentem exatamente como eu.

E talvez um dia, quando elas perceberem que todas nós sentimos a mesma coisa, vamos poder parar de fingir que somos alguma coisa que não somos.

Isso seria incrível.

Mas, até esse dia, eu serei de verdade neste blog. E continuarei sendo irreal na vida "real".

Vou dizer o que eu quero dizer, e seria muito legal se você (*seja quem for*) se juntasse a mim.

Este pode ser o nosso cantinho na internet, onde vamos poder conversar sobre como é realmente ser uma adolescente, sem ter que fingir ser alguma coisa que não somos.

Também adoro tirar fotos (*você não acha incrível como as fotos podem congelar momentos especiais para sempre? Um lindo pôr do sol, festas de aniversário, cupcakes de caramelo com muita cobertura...*), por isso vou postar muitas. Mas não vai ter selfies, é claro, por razões de anonimato.

Tudo bem, então, acho que isso é tudo por enquanto. Obrigada por ter lido (*se é que tem alguém lendo!*). E me conta o que achou nos comentários.

Garota Online, saindo do ar xxx

1

No presente...

Oi, Penny, sabia que William Shakespeare é um anagrama para “I am a weakish speller”?

Leio a mensagem de Elliot e suspiro. No tempo que passei assistindo ao ensaio de figurino de *Romeu e Julieta* (três horas da minha vida que *nunca* vou recuperar), Elliot me bombardeou com centenas de mensagens aleatórias sobre Shakespeare. Ele deve estar tentando aliviar meu tédio, mas, sério, alguém precisa saber que Shakespeare foi batizado em 1564? Ou que tinha sete irmãos?

— Penny, pode tirar uma foto da Julieta debruçada na janela do trailer?

Pego minha câmera rapidamente e assinto para o sr. Beaconsfield.

— Sim, senhor.

O sr. Beaconsfield é o professor de teatro do colégio. Ele é um desses professores que gostam de “se misturar com a moçada”, todo cheio de gel no cabelo e dizendo “me chama de Jeff”. Ele também é o motivo de nossa versão de *Romeu e Julieta* ter como cenário um gueto do Brooklyn e Julieta se debruçar em um trailer, não em uma sacada. Mi-

nha BFFE (melhor amiga da escola), Megan, adora o sr. Beaconsfield, mas ele sempre a escala para todos os papéis principais. Pessoalmente, acho que ele é um pouco esquisito. Professores não deviam querer socializar com adolescentes. Deviam querer indicar livros e se preocupar com inspeções na escola e outras coisas que eles fazem na sala dos professores.

Subo a escada na lateral do palco e me agacho embaixo de onde está Megan. Ela usa um boné de beisebol com a palavra SWAG estampada na frente e tem uma grossa corrente de ouro falso com um enorme cifrão de ouro falso pendurada no pescoço. Ela nunca apareceria com esse figurino em nenhum outro lugar, e isso mostra quanto a Megan adora o sr. Beaconsfield. Estou quase tirando a foto quando ela cochicha para mim:

— Cuidado pra não pegar a espinha.

— Quê? — cochicho de volta.

— A espinha do lado do meu nariz. Não quero que apareça na foto.

— Ah. Tudo bem. — Vou mais para o lado e uso o zoom. Desse ângulo a iluminação não é das melhores, mas pelo menos a espinha não aparece. Tiro a foto e me viro para sair do palco. É então que olho para o auditório. Além da cadeira do sr. Beaconsfield e dos dois assistentes de direção, todos os outros assentos estão vazios. Instintivamente, respiro aliviada. Dizer que não sou muito boa com multidões seria mais ou menos como dizer que Justin Bieber não é muito bom com os paparazzi. Não sei como as pessoas conseguem se apresentar num palco. Só preciso subir lá por dois segundos para tirar uma foto e já me sinto incomodada.

— Obrigado, Pen — diz o sr. Beaconsfield quando desço a escada correndo. Essa é outra coisa que ele faz para parecer legal: chama todos nós por um apelido. Fala sério! Minha família pode, mas meus professores não!

Quando volto ao cantinho seguro ao lado do palco, meu celular apita de novo.

Ai, meu Deus, a Julieta era representada por um homem no tempo do Shakespeare! Vc

tem que contar pro Ollie — eu ia adorar ver
a cara dele! ☺

Olho para Ollie, que está olhando para Megan.

— Mas, silêncio! Que luz se escoo agora da janela? — ele diz com o pior sotaque nova-iorquino.

Não consigo evitar um suspiro. O figurino do Ollie é pior que o da Megan — uma mistura de convidado de talk show com Snoop Dogg —, mas, de algum jeito, ele continua fofo.

Elliot odeia Ollie. Ele acha que Ollie é muito vaidoso e o chama de Selfie Ambulante, mas, para ser sincera, ele nem o conhece de verdade. Elliot estuda em um colégio particular em Hove; só vê Ollie quando o encontramos por acaso na praia ou na cidade.

— A Penny não devia tirar uma foto minha nessa cena também? — Ollie pergunta quando finalmente termina sua fala. Ele insiste naquele sotaque falso americano, que tem usado desde que conseguiu o papel. Aparentemente, todos os bons atores fazem isso; chamam de “método de atuação”.

— É claro, Ollie — diz o Me-Chama-de-Jeff. — Pen?

Largo o celular e subo a escada correndo.

— Pode pegar meu melhor lado? — Ollie cochicha para mim debaixo de seu boné. O dele tem a palavra STUD estampada na frente, em preto brilhante. Significa garanhão.

— É claro — respondo. — Ah... que lado é esse, mesmo?

Ele olha para mim como se eu fosse maluca.

— É que é difícil dizer — cochicho, e meu rosto fica vermelho.

Ele continua com a testa franzida.

— Porque os dois lados são bons — acrescento, meio desesperada. Ai, meu Deus! Qual é o meu problema? Quase posso ouvir Elliot gritando horrorizado. Felizmente, Ollie começa a sorrir. Agora ele parece mais menino e muito mais acessível.

— É o lado direito — ele diz e vira para olhar para o trailer.

— É o... hã... a sua direita ou a minha? — pergunto, querendo ter certeza absoluta.

— Vai, Pen. Não temos o dia todo! — lembra o sr. Beaconsfield.

— A minha direita, claro — Ollie fala irritado, olhando de novo para mim como se eu fosse maluca.

Até Megan olha para mim de cara feia. Com o rosto queimando, tiro a foto. Não faço nada do que costumo fazer, como verificar a luz, o ângulo ou qualquer outra coisa. Só aperto o botão e saio logo dali.

Quando o ensaio finalmente acaba — e eu já aprendi com Elliot que Shakespeare tinha só dezoito anos quando se casou e escreveu trinta e oito peças no total —, uma parte do grupo decide ir ao JB's Diner para tomar milk shake e comer batata frita.

Quando chegamos à orla, Ollie começa a andar ao meu lado.

— E aí? — ele pergunta com seu falso sotaque nova-iorquino.

— Ah, tudo bem, obrigada — respondo, e minha língua enrola imediatamente. Agora que tirou o figurino de Romeu da gangue, ele está ainda melhor. O cabelo loiro de surfista está perfeitamente despenteado, e os olhos azuis brilham como o mar sob o sol de inverno. Para ser franca, não tenho certeza absoluta de que ele é meu tipo, talvez seja uma mistura perfeita demais de boy band e atleta, mas é tão raro eu ter toda a atenção do galã da escola que não consigo evitar a vergonha.

— Eu estava pensando... — ele diz sorrindo para mim.

Minha voz interior se antecipa para terminar a frase: *O que você gosta de fazer no seu tempo livre? Por que nunca prestei atenção em você antes? Quer sair comigo?*

— ... se eu posso dar uma olhada na foto que você tirou de mim. Só pra ter certeza que ficou boa.

— Ah... sim, claro. Tudo bem. Eu te mostro quando a gente chegar no JB's. — E neste exato momento caio num buraco. Tudo bem, não é tão grande, não desapareço dentro dele nem nada parecido, mas tropeço e dou um passo para frente, o que me faz parecer tão atraente e charmosa quanto um bêbado no sábado à noite. Essa é uma das coisas que odeio em Brighton, onde moro. O lugar parece cheio de buracos que só existem para me fazer cair! Saio da encrenca com elegância e, por sorte, Ollie parece não perceber.

Quando chegamos ao JB's, ele se senta ao meu lado no banco. Vejo Megan levantar as sobrelhas e no mesmo instante me sinto como se tivesse feito algo errado. Megan é ótima em me fazer sentir assim. Viro e me concentro na decoração de Natal espalhada pela lanchonete — ramos verdes e brilhos vermelhos, e o Papai Noel que grita “ho, ho, ho!” cada vez que alguém passa por ele. O Natal é minha época preferida do ano. Tem algo nele que sempre me acalma. Depois de um tempo, viro para a mesa de novo. Felizmente, Megan está distraída com o celular.

Meus dedos formigam quando a inspiração para um post no blog aparece em minha cabeça. Às vezes é como se a escola fosse uma grande peça de teatro, e tivéssemos que representar nosso papel o tempo todo. Na peça da vida real, Ollie não devia se sentar ao meu lado; ele devia se sentar ao lado da Megan. Eles não estão saindo, nada disso, mas ocupam o mesmo nível na escala social, com certeza. E Megan *nunca* cai em buracos. Ela parece simplesmente deslizar pela vida, ela e seu cabelo castanho brilhante e o eterno biquinho. As gêmeas se sentam ao lado dela. As irmãs, Kira e Amara, não têm falas na peça, e é assim que Megan as trata na vida real: como figurantes que reforçam seu papel de protagonista.

— Querem beber alguma coisa? — a garçonete pergunta quando para ao lado da mesa com um bloquinho e um sorriso.

— Seria demais! — Ollie responde em voz alta com seu falso sotaque americano, e não consigo deixar de me contorcer.

Todos nós pedimos shakes — exceto Megan, que pede água mineral —, depois Ollie se vira para mim.

— Então, posso ver?

— O quê? Ah, sim. — Pego a câmera na bolsa e começo a olhar a sequência de fotos. Quando encontro a de Ollie, passo a máquina para ele. Prendo a respiração enquanto espero a resposta.

— Legal — ele diz. — Ficou muito boa.

— Ahhh, quero ver a minha — grita Megan, arrancando a câmera da mão dele e apertando os botões freneticamente. Meu corpo todo fica tenso. Normalmente, não me importo de dividir as coisas. Dei metade

dos meus chocolates do calendário do Advento para o meu irmão, mas minha máquina fotográfica é diferente. É meu bem mais precioso. Minha rede de segurança.

— Ai. Meu. Deus. Penny! — Megan berra, estridente. — O que você fez? Parece que eu tenho um bigode! — E joga a câmera sobre a mesa.

— Cuidado! — eu falo.

Ela olha para mim de cara feia antes de pegar a máquina e apertar alguns botões.

— Como eu apago a minha foto?

Arranco a câmera da mão dela de um jeito meio brusco, e uma de suas unhas postiças se enrosca na alça.

— Ai! Você quebrou a minha unha!

— Você podia ter quebrado a minha câmera.

— É só com isso que você se importa? — Megan continua olhando feio para mim. — Não tenho culpa se você tirou uma foto horrível.

Uma resposta surge em minha cabeça: *E eu não tenho culpa se você me fez tirar a foto assim por causa da sua espinha*. Mas me controlo e não falo nada.

— Quero ver — Ollie diz e pega a câmera da minha mão.

Quando ele começa a rir, o olhar de Megan fica ainda mais duro, e sinto o conhecido aperto na garganta. Tento engolir, mas é impossível. Eu me sinto presa no banco. *Por favor, que isso não esteja acontecendo outra vez*, suplico em silêncio. Mas está. Uma onda de calor percorre meu corpo e mal consigo respirar. As fotografias dos astros de cinema que enfeitam as paredes parecem olhar para mim. A música da jukebox fica alta demais. As cadeiras vermelhas se tornam muito brilhantes. Não importa o que eu faça, não consigo controlar meu corpo. Minhas mãos suam e meu coração dispara.

— Ho, ho, ho! — grita o Papai Noel perto da porta. Mas a risada não é mais alegre. Agora ela soa ameaçadora.

— Tenho que ir — digo em voz baixa.

— Mas e a foto? — Megan choraminga, jogando o cabelo brilhante para trás de um ombro.

— Vou apagar.

— E o seu milk shake? — pergunta Kira.

Pego o dinheiro do bolso e deixo a nota em cima da mesa, esperando que ninguém perceba meus dedos tremendo.

— Um de vocês pode tomar. Acabei de lembrar que tenho que ajudar minha mãe com uma coisa. Preciso ir pra casa.

Ollie olha para mim e, por um segundo, parece desapontado.

— Você vai estar na cidade amanhã? — ele pergunta.

Megan o encara furiosa por cima da mesa.

— Acho que sim. — O calor é tão forte que minha visão fica turva. Preciso sair daqui agora. Se eu ficar presa neste banco por mais tempo, vou desmaiar. Tenho que fazer um esforço enorme para não berrar para Ollie sair do caminho.

— Legal. — Ele escorrega para fora do banco e me devolve a câmera. — Talvez eu veja você por lá, então.

— Tudo bem.

Uma das gêmeas, não sei dizer qual, começa a perguntar se estou bem, mas não paro para responder. Não sei como, consigo sair da lanchonete e chego à orla. Ouço o grasnido de uma gaivota, depois uma gargalhada. Um grupo de mulheres passa por mim, todas com aquele bronzeado artificial e salto alto. Elas usam camisetas rosa-Barbie, embora seja inverno, e uma delas usa um colar de plaquinhas com a letra A, de aprendiz. Gemo por dentro. Esta é outra coisa que odeio em Brighton — o jeito como o lugar é invadido por despedidas de solteiro de homens e mulheres toda sexta à noite. Atravesso a rua e vou para a praia. O vento é frio, mas é exatamente disso que preciso. Parada sobre as pedrinhas molhadas, olho para o mar e espero até que as ondas, que quebram na praia e voltam para o oceano, devolvam ao meu coração o ritmo normal.

2

Para a maioria das garotas, chegar em casa e encontrar a mãe posando na escada com um vestido de noiva seria uma coisa bizarra. Para mim, é comum.

— Oi, querida — diz minha mãe assim que passo pela porta. — Que tal?

Ela se apoia no corrimão e abre um braço, os longos cachos castanhos emoldurando o rosto. O vestido de casamento é marfim, tem corte império e acabamento de flores de renda no decote. É muito bonito, mas ainda estou tão abalada que só consigo balançar a cabeça num sim silencioso.

— É para o casamento com tema de Glastonbury — minha mãe explica e desce a escada para me dar um beijo. Como sempre, ela tem cheiro de rosa e patchuli. — Não é lindo? Totalmente hippie.

— Hum — digo. — É bonito.

— Bonito? — Ela olha para mim como se eu estivesse maluca. — Bonito? Esse vestido não é só bonito, é... maravilhoso... é... divino.

— É um vestido, querida — meu pai afirma aparecendo no corredor. Ele sorri para mim e levanta as sobrancelhas. Levanto as minhas de volta. Pareço com minha mãe fisicamente, mas, na personalidade, sou muito mais como meu pai, muito mais prática. — Bom dia? — ele pergunta ao me abraçar.

— Normal — respondo, e de repente quero ter cinco anos de idade outra vez, me encolher no colo dele e pedir que ele me leia uma história.

— Normal? — Meu pai dá um passo para trás e olha para mim com atenção. — Normal bom ou normal ruim?

— Bom — respondo, porque não quero criar mais drama.

Ele sorri.

— Que bom.

— Vai poder ajudar na loja amanhã, Pen? — minha mãe pergunta enquanto se olha no espelho do corredor.

— Claro. Que horas?

— Só por umas duas horas durante a tarde, enquanto eu estiver no casamento.

Meus pais são donos de uma empresa de organização de casamentos chamada Felizes para Sempre, e a loja fica no centro da cidade. Minha mãe abriu a empresa depois de desistir da carreira de atriz para ter meu irmão Tom e eu. Ela é especialista em temas peculiares. E também se especializou em experimentar todos os vestidos de casamento que tem no estoque. Acho que ela sente saudade dos figurinos dos tempos de atriz.

— A que horas vamos jantar? — pergunto.

— Em uma hora, mais ou menos — meu pai avisa. — Estou fazendo torta de carne.

— Ótimo. — Sorrio para ele e começo a me sentir um pouco mais humana. A torta de carne do meu pai é incrível. — Vou subir.

— Tudo bem — meus pais respondem ao mesmo tempo.

— Ah! Dá azar! — grita minha mãe e então beija meu pai no rosto.

Subo o primeiro lance de escada e passo pelo quarto dos meus pais. Quando me aproximo do quarto do Tom, ouço a batida cadenciada do hip-hop. Sempre odiei as músicas do meu irmão, mas desde que ele está na universidade eu gosto, porque significa que ele está em casa de férias. Eu sinto saudade do Tom, agora que ele não mora mais com a gente.

— Oi, Tom-Tom — chamo ao passar pela porta do quarto.

— Oi, Pen-Pen — ele responde.

Sigo até o fim do corredor e começo a subir outro lance de escada. Meu quarto fica no topo da casa. É muito menor que os outros quartos, mas eu adoro esse lugar. O teto inclinado e as vigas de madeira criam um clima aconchegante, e é tão alto que consigo ver a linha azul-escura do mar no horizonte. Mesmo quando é noite, saber que o mar está lá me faz sentir mais calma. Acendo o fio de luzinhas que contorna o espelho da penteadeira e duas velas com aroma de baunilha. Depois me sento na cama e respiro fundo.

Agora que estou em casa, finalmente sinto que é seguro pensar no que houve na lanchonete. É a terceira vez que isso acontece comigo, e sinto uma bola de medo crescendo no fundo do meu estômago. Na primeira vez, achei que não fosse se repetir. Na segunda vez, achei que fosse só azar. Mas agora aconteceu de novo... Sinto um arrepio e me enfiio embaixo do edredom. Quando meu corpo começa a aquecer, tenho um flashback de quando eu era pequena e minha mãe fazia uma cabana de cobertores para eu brincar. Eu deitava dentro da cabana com uma pilha de livros e minha lanterna e passava horas lendo. Adorava ter um lugarzinho para me esconder do mundo. Estou encolhida embaixo do edredom e fechando os olhos quando escuto três batidas fortes na parede do meu quarto. Elliot. Jogo o edredom longe e respondo batendo duas vezes.

Elliot e eu somos vizinhos desde sempre. E não somos apenas vizinhos de casa, mas de *quarto* também, o que é muito legal. Inventamos nosso código de batidas na parede há anos. Três batidas significam "Posso ir aí?". Duas querem dizer "Sim, vem agora".

Tiro o uniforme da escola e visto meu macacão de leopardo-das-neves. Elliot odeia esses pijamas de macacão. Ele diz que a pessoa que os inventou devia ser pendurada de cabeça para baixo no Píer de Brighton pelos cadarços dos sapatos. Elliot é muito estiloso. Não no sentido de ser um escravo da moda; ele consegue juntar coisas aleatórias e fazer parecer incrível. Adoro tirar fotos dos modelos que ele inventa.

Quando escuto a porta da casa dele bater, dou uma olhada rápida no espelho da penteadeira e suspiro. Aliás, suspiro toda vez que olho

para o espelho. É como um reflexo condicionado. *Olhar para o espelho — suspirar. Olhar para o espelho — suspirar.* Dessa vez não suspiro por causa das minhas sardas e de como elas cobrem o meu rosto feito pintinhas numa casca de banana. Não consigo vê-las com a luz da vela. Dessa vez o suspiro é por causa do meu cabelo. Por que, quando a brisa do mar bagunça o cabelo do Ollie, ele fica superfofo, mas, quando acontece a mesma coisa com o meu cabelo, parece que enfiei o dedo na tomada? Passo a escova rapidamente, mas isso só piora o frizz. Já é bem ruim ter cabelo vermelho. Elliot insiste em dizer que o meu é loiro-morango (definitivamente, é mais morango que loiro), mas, se fosse sempre liso como o da Megan, já seria um pouco melhor. Desisto da escova. Elliot não vai se importar. Ele me viu quando tive uma gripe forte e passei uma semana sem lavar o cabelo.

Ouçó a campainha, depois minha mãe e Elliot conversando. Ele vai adorar o vestido de casamento. Elliot ama a minha mãe. E minha mãe ama o Elliot — minha família toda o ama. Ele foi praticamente adotado por nós, para ser sincera. Os pais do Elliot são advogados. Os dois trabalham muito, e, mesmo quando param em casa, estão sempre estudando um ou outro caso. Elliot está convencido de que foi trocado na maternidade e mandado para casa com os pais errados. Eles simplesmente não o entendem. Quando Elliot saiu do armário, o pai dele disse:

— Não se preocupe com isso, filho, tenho certeza que é só uma fase.

Como se ser gay fosse algo que a pessoa supera quando cresce!

Ouçó os passos de Elliot na escada e a porta se abrindo.

— Lady Penelope! — ele grita. Está usando um terno vintage risca de giz e suspensórios com tênis Converse vermelho. Isso é ele num traje informal.

— Lorde Elliot! — grito de volta. (Passamos a maior parte do último fim de semana assistindo aos DVDs da caixa de *Downton Abbey*.)

Elliot olha para mim por trás dos óculos de armação preta.

— Tudo bem, o que aconteceu?

Balanço a cabeça e dou risada. Às vezes juro que ele consegue ler meus pensamentos.

— Como assim?

— Você está muito pálida. E com esse macacão horroroso. Você só usa essa coisa quando está deprimida. Ou quando tem lição de casa de física.

— É a mesma coisa — respondo rindo e me sento na cama.

Elliot senta ao meu lado com um ar preocupado.

— Eu... tive uma daquelas coisas esquisitas de pânico outra vez.

Ele passa um braço magro sobre os meus ombros.

— Mentira! Quando? Onde?

— No JB's.

A risada dele é sarcástica.

— Ah, não me surpreende. A decoração daquele lugar é horrível! Mas, falando sério, o que aconteceu?

Eu explico e me sinto mais envergonhada a cada palavra. Agora tudo soa muito trivial e bobo.

— Não sei por que você anda com a Megan e o Ollie — ele comenta quando termino minha história carregada de aflição.

— Eles não são tão ruins — digo sem muita segurança. — Sou eu. Por que eu fico tão estressada com as coisas? Tipo, eu até entendi da primeira vez, mas hoje...

Elliot inclina a cabeça para o lado, como sempre faz quando está pensando.

— Por que você não escreve sobre isso no blog?

Elliot é a única pessoa que sabe sobre o meu blog. Conteí logo no início porque: a) posso confiar nele com qualquer assunto, e b) ele é a única pessoa com quem posso ser totalmente eu mesma, então não tem nada no blog que ele já não saiba.

— Você acha? — pergunto com a testa franzida. — Não é meio pesado? Ele balança a cabeça.

— De jeito nenhum. Escrever sobre isso pode fazer você se sentir melhor. Talvez ajude a entender. Além do mais, um dos seus seguidores pode ter passado pela mesma coisa. Lembra daquela vez que você postou sobre ser desajeitada?

Balanço a cabeça para dizer que sim. Há cerca de seis meses escrevi no blog sobre cair de cabeça dentro de um latão e, em uma semana, passei de duzentos e dois para quase mil seguidores. Nunca tive tantos compartilhamentos. Ou comentários. Acontece que não sou a única adolescente que nasceu com o gene da falta de jeito.

— Acho que sim... — respondo.

Elliot me encara e sorri.

— Lady Penelope, eu *sei* que sim.

15 de dezembro

Socorro!!

Oi, gente!

Muito obrigada por todos os comentários bacanas sobre as minhas fotos do Snoopers Paradise. É bom saber que vocês gostam daquelas coisas diferentes tanto quanto eu.

O post desta semana é muito difícil de escrever, porque fala de uma coisa assustadora que aconteceu comigo — *está* acontecendo comigo. Quando comecei a escrever este blog, eu disse que seria sempre totalmente sincera aqui, mas não imaginava que o **Garota Online** fosse decolar como decolou. Não acredito que agora tenho 5.432 seguidores — muito obrigada! Apesar de eu achar assustadora a ideia de contar a todos vocês sobre isso, Wiki acredita que desabafar pode me fazer sentir melhor, então aqui vai.

Há algum tempo, eu sofri um acidente de carro. Tudo bem, ninguém morreu nem nada parecido. Mesmo assim, foi uma das piores experiências da minha vida.

Meus pais e eu voltávamos para casa à noite, e chovia daquele jeito que parece que a água despenca em cima de você como uma onda. Mesmo com os limpadores de para-brisa ligados na velocidade máxima, não fazia diferença. Era como dirigir no meio de um tsunami. Hávamos acabado de entrar em uma pista de mão dupla, quando um carro atravessou na nossa frente. Não sei exatamente o que aconteceu em seguida, acho que meu pai tentou frear e desviar, mas a estrada estava molhada, escorregadia, e derrapamos até a faixa central. Depois o carro capotou!

Não sei vocês, mas eu só tinha visto isso acontecer nos filmes. E nos filmes, logo depois que o carro capota, ele normalmente explode ou é arrastado por uma carreta ou algo assim, e eu só conseguia pensar que íamos morrer. Fiquei gritando, chamando meu pai e minha mãe, sem saber se eles estavam bem, e eles me chamavam, mas eu não conseguia me aproximar deles. Estava presa no banco de trás, sozinha e de cabeça para baixo.

Felizmente, ninguém morreu. Um homem muito bom viu o que aconteceu e parou o carro para ajudar a gente. Depois, quando os serviços de emergência chegaram, todos foram muito legais também. Fomos levados para casa numa viatura da polícia e ficamos sentados no sofá, embaixo de cobertores, bebendo chá com açúcar até o sol nascer. E agora tudo voltou ao normal. Meus pais nem falam mais sobre o acidente, e temos um carro novo e inteiro na nossa garagem. Todo mundo vive dizendo: "Você teve muita sorte por não ter se machucado". E tive mesmo. Eu sei disso. Mas acontece que, mesmo sem nenhum corte ou hematoma do lado de fora, tenho a sensação de que alguma coisa se quebrou dentro de mim.

Não sei nem se um acidente como aquele pode provocar esse tipo de coisa, mas tenho momentos estranhos de pânico. Se alguma coisa me deixa nervosa e acho que não vou ter como escapar, começo a me sentir do mesmo jeito que me senti quando fiquei presa no carro. Sinto ondas de calor, fico tremendo e parece que não vou conseguir respirar. Já aconteceu três vezes, por isso tenho muito medo de que continue acontecendo. E não sei o que fazer.

Espero que vocês não se incomodem por eu escrever sobre isso. Prometo voltar ao normal na semana que vem. Prometo que haverá toneladas de fotos realmente deliciosas da Choccywoccydoodah! Mas, se algum de vocês já passou por coisa parecida com o que acabei de descrever, e se tem alguma dica de como fazer isso parar, por favoooooor poste nos comentários. Já é bem ruim ser *A Pessoa Mais Desajeitada do Universo*. Não quero ser a mais em pânico também!!

Obrigada!

Garota Online, saindo do ar xxx